

# A BATALHA

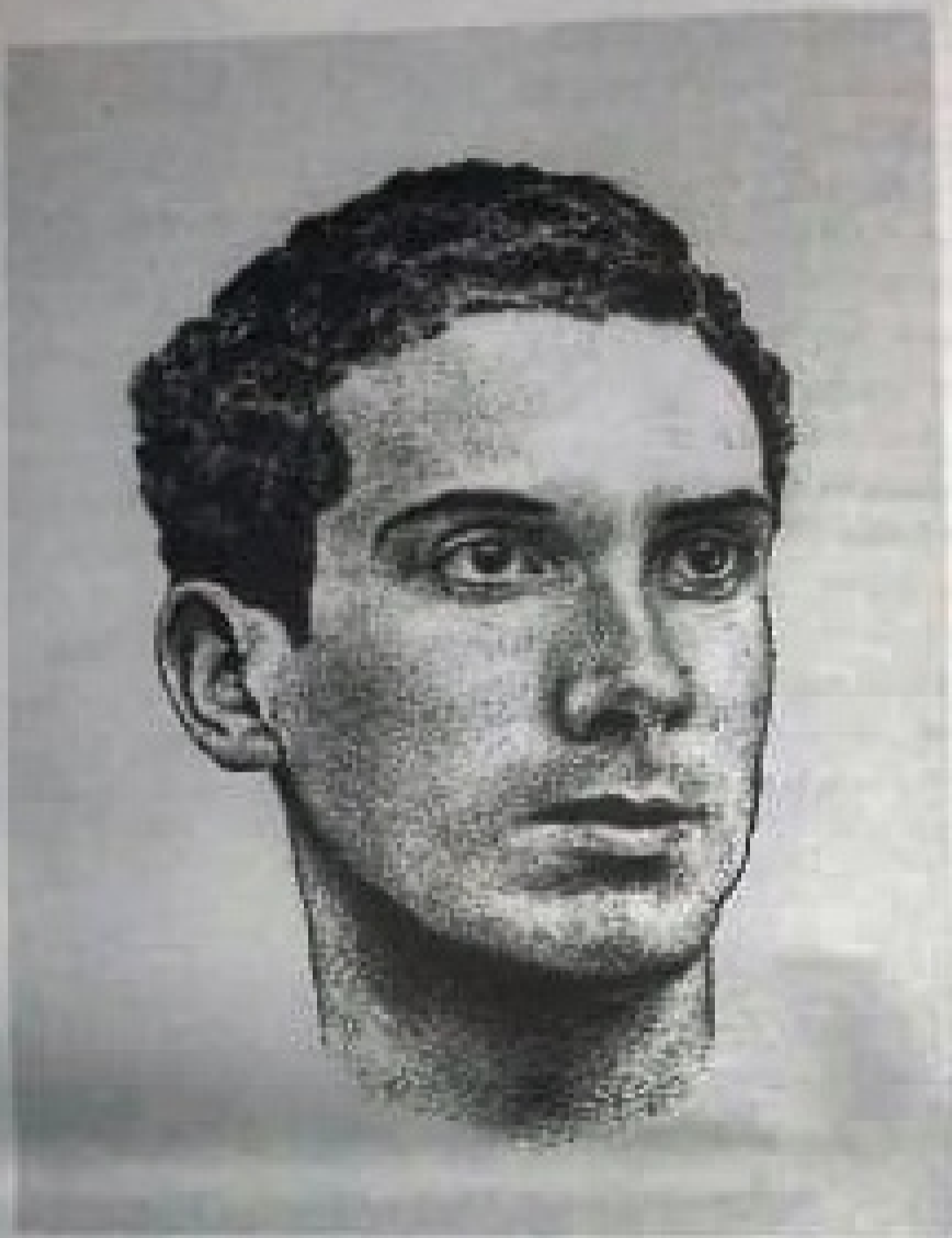
VI Série - Ano LXVI - n.º 288-289 | Director: António da Cruz | Preço: 1,50 euros | Mar/Jun 2020

Jornal de Expressão Anarquista



# LUÍS AMARO

[1923-2018]



Nascido e criado em Aljustrel, no Baixo Alentejo, Luís Amaro (1923-2018) fez a sua formação de autodidacta com o secreiro Deodato Barreto e com escritores ligados ao sindicalismo libertário da primeira República – Manuel Ribeiro, Ferreira de Castro, João Quintinha e outros. Estreou-se aos 12 anos com uma crónica no jornal *As Esperanças* do Centro Democrático de Beja, e com a mesma idade entrava como redactor do jornal *Diário do Alentejo*, fundado pouco antes em Beja.

Aos 16 anos era redactor do jornal *Boas do Alentejo* em Estremoz e, pouco depois, por intermédio de Agostinho da Silva, muito relacionado no meio livreiro, veio para Lisboa como caixeiro da livraria da Editora Portuguesa, onde depressa ascendeu a redactor e editor literário.

Conviveu então com muitos dos mais importantes escritores portugueses, vindo ele próprio a publicar nessa época o seu único livro *Deafina* (1949) – um volume de poemas que teve depois reedições sucessivas (1973; 2006; 2011) com título refeito, *Diário Intimo*, e sempre com novas acrescentos. Luiz Pacheco chamou assim ao seu autor, no momento da primeira reedição do livro, «um raro poeta» (*Diário Popular*, 28-1-1977). Com jovens poetas da sua idade – António Luís Molta, António Ramos Rosa, José Terra e Raul de Carvalho – fundou a revista *Árvore* (1951-1953), uma das mais marcantes da poesia portuguesa da segunda metade do séc. XX.

Já no final da década de 60 mudou-se para os serviços editoriais da Fundação Calouste Gulbenkian, onde secretariou e co-dirigiu até tardia aposentação a revista *Cadernos de Trás*, que muito deve ao seu saber e ao seu sentido de convívio.

Originário de Aljustrel, terra mineira e com forte implantação da organização operária nascido no seio de família muito modesta – o pai era correio, Luís Amaro manifestou desde cedo simpatia pela generosidade dos ideais libertários, embora sem qualquer militância a assinalar. Fez questão de fazer doação ao jornal *A Batalha* depois da morte de parte do seu mobiliário pessoal.

A. CÂNDIDO FRANCO  
retrato, Luís Manuel Gaspar